



## **[Ainda] é tudo sobre pessoas**

*\*Thayssa Rocha*

Quem chega nos eventos que abordam temáticas de Inteligência Artificial pode se surpreender com o espaço que a abordagem humanística tem conquistado na programação.

Enquanto me preparava para estar em Amsterdã, para participar desta edição de 2024 do World Summit AI, o maior evento de IA do mundo, analisei detalhadamente a vasta programação proposta pelos organizadores e notei de pronto uma trilha totalmente dedicada à convergência da inteligência artificial com os aspectos humanos. Pessoalmente, enquanto pesquisadora da área de IHC (Interação Humano-Computador), me senti rapidamente atraída para assistir todas as palestras e entender o que está no “trending topics” da inteligência artificial quando se trata de pessoas.

Ainda no primeiro dia, percebi que, mesmo no palco principal, o assunto girava muito em torno da relação da nossa humanidade (suas características boas e ruins) com o poder da Inteligência Artificial. E mais, se eu pudesse resumir em um termo o evento, sob as minhas lentes o termo seria: Responsible AI, ou seja, IA responsável.

Inclusive, vale mencionar que este assunto também endereçou uma trilha específica para abordá-lo no primeiro dia de evento, e, da mesma forma que as questões humanas, atravessou diversas trilhas e workshops.

É claro que quando nos preocupamos em regular, proteger e manter a ética, estamos tratando sobre questões que derivam diretamente do comportamento humano. Porém, para além do uso responsável da tecnologia, vários palestrantes se conectaram com o que há de mais humano em nós e que nos diferencia das máquinas e do ‘artificial’ desta inteligência: os nossos sentimentos, emoções e quem nós realmente somos.

Um dos temas abordados foi como a IA vem mediando nossas conexões emocionais, levantando questões sobre autenticidade e a natureza das relações humanas em um mundo digital. Refletiu-se sobre o uso da IA em aplicativos de namoro e como essa tecnologia pode moldar nossas interações antes mesmo de conhecermos alguém pessoalmente, questionando se estamos realmente nos conectando com outras pessoas ou com algoritmos. Também foi discutido o potencial da IA para ajudar no autoconhecimento, mas com um alerta sobre os perigos de entregar nossas emoções e dados a essas tecnologias, desafiando a ideia de que a IA nos aproxima, quando, na verdade, pode nos distanciar de nós mesmos.

Outro ponto de destaque foi a reflexão sobre como a IA está transformando nossa identidade e propósito. Questionou-se como a automação de tarefas cotidianas, como agendar reuniões ou responder mensagens, pode impactar nossa autonomia e capacidade de tomar decisões. Embora a IA possa nos liberar para atividades mais criativas, foi enfatizado que é crucial sermos intencionais sobre as mudanças que queremos, para não perdermos de vista o que realmente nos faz felizes. A conclusão foi que, apesar dos avanços tecnológicos, a verdadeira felicidade e propósito ainda residem nas conexões



humanas genuínas, e que devemos ser cuidadosos ao permitir que a IA molde essas interações.

Partindo daí para a centralidade no uso responsável da inteligência artificial, destacou-se a importância de garantir que a IA seja desenvolvida e implementada de forma inclusiva. Um dos pontos abordados foi o compromisso de grandes empresas em promover acessibilidade e inclusão por meio da IA, utilizando ferramentas que apoiam o seu uso ético. Também foi ressaltada a importância de termos pesquisas com código aberto, impulsionando assim o avanço global da IA de maneira transparente e colaborativa.

Destaco neste aspecto o desafio discutido em um painel muito interessante sobre como alcançar um consenso global sobre a regulação da IA. Especialistas concordaram que a regulação deve ser clara e prática, garantindo que a tecnologia seja confiável e responsável, garantindo a inclusão de uma diversidade de vozes nas discussões. A autorregulação das empresas de tecnologia foi questionada, sendo sugerido que, embora seja uma oportunidade para demonstrar responsabilidade, deve ser acompanhada de uma compreensão científica mais profunda e interdisciplinar.

O uso responsável da IA foi apresentado como essencial para mitigar riscos e maximizar os benefícios da tecnologia para diferentes setores da sociedade, garantindo que ela seja uma força para o bem comum, beneficiando a sociedade como um todo e promovendo um impacto positivo e equitativo. Sem dúvida, mesmo que se fale muito sobre máquinas, ainda **é tudo sobre pessoas**.

\*Thayssa Rocha é Transformation Lead na Zup, empresa de tecnologia parte do grupo Itaú Unibanco. Thayssa possui mais de 20 anos de experiência em engenharia de software, atuando na construção de produtos e na melhoria de processos, sempre com foco em agilidade e novas tecnologias. Ao longo de sua carreira, desempenhou papéis como analista de sistemas, Product Owner, gerente de equipes e Agile Coach, acumulando expertise em priorização de demandas, métricas de produto e metodologias ágeis. Atualmente, é especialista em entregas e programas no Itaú, apoiando o time de Empréstimos a planejar e priorizar iniciativas estratégicas. Além disso, é doutoranda na UFPA, onde pesquisa a inclusão de pessoas com deficiência em times de desenvolvimento de software.